



## JOSÉ BASÍLIO DA GAMA, O CAMÕES BRASILEIRO?

Vania Pinheiro Chaves

Embora hoje em dia possa parecer descabido atribuir a José Basílio da Gama o cognome de *Camões brasileiro*, não se pode negar que, no passado, muitos críticos das Literaturas Portuguesa e Brasileira equipararam o nosso poeta ao grande épico lusitano e que o mesmo terá ocorrido com os leitores de *O Uruguai*,<sup>1</sup> cujo sucesso junto do público é comprovado pelas suas numerosas edições: dezoito no Brasil, três em Portugal e uma nos Estados Unidos. Esta última inclui uma versão para o inglês feita por Sir Richard Burton, ilustre escritor oitocentista, a quem se deve igualmente uma tradução de *Os Lusíadas*. Confirmam ainda o prestígio da épica basiliiana as múltiplas criações intertextuais a que deu azo, bem como os inúmeros comentários de que foi objeto e cujo teor é predominantemente elogioso.

Quem primeiro aproximou *O Uruguai* da grande epopéia de Portugal foi o Doutor João Pereira Ramos de Azevedo Coutinho,<sup>2</sup> redator do parecer da Real Mesa Censória, que considera o poema “m[ui]to digno da licença [...] p[ara] communicarse a o publico por meyo da Imprensa.” Julgando porém a criação épica de suma dificuldade por estar “sugeita a humas Leys, se não impossiveis, dificultozissimas de praticar,” aquele juiz aponta falhas em todas as produções do gênero, inclusive em *Os Lusíadas*, ao qual atribui os defeitos que freqüentemente lhe imputavam os comentaristas dos séculos XVII e XVIII. Aceita portanto como inevitáveis as deficiências de *O Uruguai*, mas nele encontra qualidades que o levam a concluir que o árcade mineiro é verdadeiramente poeta. O poema setecentista não sai diminuído do confronto implícito com *Os Lusíadas*, o que se explica tanto pelo fato de a épica camoniana ainda não ser objeto do culto que lhe é dedicado na atualidade, como pelo de *O Uruguai* estar mais próximo dos ideais da poética do tempo.

Tal empatia pode também derivar do assunto e dos posicionamentos ideológicos de Basílio da Gama. Defensor da política reformadora de Sebastião José de Carvalho e Melo, Azevedo Coutinho tinha de aplaudir o pombalismo entusiástico e o violento antijesuitismo de *O Uruguai*. Nascido no Brasil, deveria igualmente apreciar a recriação épica de um acontecimento relevante da sua História. A origem brasileira pode ainda explicar por que descurou o interesse de Portugal ao aprovar uma obra glorificadora do Tratado de Madri, repudiado e revogado por Pombal. Certamente por este motivo, o seu parecer não faz referência aos conteúdos e à mensagem do poema basiliano, embora tais tópicos fossem obrigatórios na análise das criações épicas.

Uma vez editado, *O Uruguai* teve, entre os seus primeiros leitores, alguns ilustres escritores da época que lhe reconheceram os méritos e lhe deram lugar de relevo na literatura. Dois deles atribuíram-lhe inclusive posição idêntica à de *Os Lusíadas*. Filinto Elísio<sup>3</sup> coloca o nosso poeta entre os “que virão do alto Pindo o cume, /Onde alli c’os Virgílios, c’os Homeros /C’os Tassos, c’os Camões, Pindaros, Saphos /Sem injuria sublimes se sentárão” (v. 184-7). A sua elevação à altura de Camões é justificada com o argumento de que ilustrou o Reino e cantou novos heróis, o que mostra que Filinto reconhece e valoriza a natureza épica de *O Uruguai*, bem como o seu herói declarado: o General Gomes Freire de Andrade. Comparando Andrade aos “Gamas e Albuquerque,” sem deixar de notar que possui qualidades pouco conformes ao heroísmo da épica tradicional mas características da ideologia setecentista, o árcade português realça aspectos essenciais do poema basiliano. Por sua vez, o Padre Manuel de Macedo Pereira de Vasconcelos<sup>4</sup> saúda efusivamente *O Uruguai* pela sua “nobre e tersa / Locução,” não corrompida pelas “mouriscas vozes /De rançoza antigualha” (v. 85-6 e 88-9). Assegurando que seus “versos /Com aplauso de todos serão lidos” e “arrancados /Da fria mão da morte” (v. 92-3), prevê que Basílio da Gama logre fama eterna

*nos Campos Lysios,  
À fresca sombra de viçosos louros,  
Que a honrada frente adornam dos Mirandas,  
Dos Camões, dos Bernardes, dos Ferreiras.  
(v. 94-7)*

Na mesma época, houve todavia quem entendesse que o nosso poeta desprezava Camões e rejeitava outros grandes modelos da épica antiga e moderna. Ele retruca, expressando a sua admiração por Homero e Virgílio—

*Amo o grego cantor, gosto de ouvir-o  
Dando ao filho de Thetis peito d' aço  
Amo o piedoso heroe, que immenso espaço  
Correu buscando em terra estranha asylo*

– mas repudia a obediência cega à magnífica criação do vate português.<sup>5</sup>

No entanto, até aos nossos dias, os comentadores de *O Uruguai* insistem em relacioná-lo com *Os Lusíadas* e ousam, por vezes, alçá-lo aos mesmos píncaros, exceção feita à crítica e historiografia literárias de Portugal que, incluindo freqüentemente José Basílio da Gama no elenco dos épicos portugueses, nunca colocam a sua obra principal em patamar idêntico ao da epopéia camoniana. Disto dá prova Almeida Garrett,<sup>6</sup> que ultrapassa os seus pares no elogio de *O Uruguai*, ao considerá-lo “o moderno poema que mais mérito tem,” mas que lastima as suas dimensões reduzidas, sugerindo uma comparação implícita com a grandiosidade de *Os Lusíadas*. Por outro lado, Garrett, mesmo integrando *O Uruguai* na Literatura Portuguesa, atribui-lhe “a melhor coroa da poesia brasileira que nele é verdadeiramente nacional e legítima americana,” juízo que assenta sobretudo na percepção da originalidade da sua descrição da paisagem e do nativo da América.

Se o apreço de Ferdinand Denis<sup>7</sup> pela épica de Basílio da Gama não é maior que o do autor do *Bosquejo da História da Poesia e Língua Portuguesa*, é diverso o lugar que lhe confere na história literária de Portugal e do Brasil, pois lhe dá papel de relevo no processo de autonomização da Literatura Brasileira, por ter poetizado alguns aspectos do universo americano. Difundidas no *Résumé de l'Histoire Littéraire du Brésil*, tais idéias serviram de fundamento para a fama de que gozou *O Uruguai*, no período seguinte à Independência do Brasil, quando mais se buscaram os fundadores duma poesia genuinamente nacional.

Figura representativa do pensamento da época, Joaquim Manuel Pereira da Silva<sup>8</sup> encontra na épica basiliiana “o mais completo engenho, o mais elevado estro, e a mais pura inspiração de verdadeira poesia,” mas a distingue das epopéias à maneira da *Ilíada* e de *Os Lusíadas*, classificando-a como um romance em verso, típico das literaturas hispânicas. Tal interpretação se conjuga com a idéia de que avulta e brilha em *O Uruguai* o espírito nacional brasileiro. Por conseguinte, os aplausos do crítico se dirigem sobretudo para a representação do espaço americano e dos selvícolas. Ele aprecia particularmente o episódio da morte de Lindóia, mas não deixa de equipará-lo ao de Inês de Castro, em *Os Lusíadas*, e ao de Olinda, na *Gerusalemme Liberata*.

A expressão mais altissonante da consagração obtida por José Basílio da Gama no século XIX está provavelmente nas apóstrofes utilizadas por

Manuel Duarte Moreira de Azevedo<sup>9</sup> como intróito do ensaio biográfico que sobre ele escreveu:

*Levantai-vos, Homero, do vosso tumulto secular, e vinde saudar um poeta grande como vós. E vós, Dante, e vós Shakespeare, pendurai as vossas lyras, que encantaram os grandes tempos da idade media, e vinde vêr um vosso irmão, um vate, que teve uma lyra divina, um bardo rei.*

*Deixai Camões, o vosso leito do hospital, onde repousais ha perto de 300 annos; descei do cadafalso André Cheniér; suspendei o punhal suicida, Chatterton, e vinde todos saudar um poeta rei, um genio vosso irmão.*

*Ossian, João Milton, procurai afastar de vossos olhos essa nuvem negra, que vos mata a vista, e vinde vêr, na terra de Colombo, o bardo que tem uma lyra igual á vossa.*

*E vós, poeta de Lenora, infeliz Tasso, deixai tirar da corôa que vos oura a frente, já fria e desbotada pela morte, uma só flôr, uma só fôlha, para dal-a a um poeta infeliz e grande como vós, para offerrecel-a a José Basilio da Gama.*

Invocando os grandes escritores da literatura universal, em especial os poetas épicos, Moreira de Azevedo os conclama a saudarem Basílio da Gama, porque considera *O Uruguai* não só um poema belo e majestoso no qual “tudo é admirável, a grandeza das imagens, a fluidez do verso, a harmonia das palavras, a riqueza das idéias”, mas ainda a primeira epopéia brasileira.

Atualmente menor é a fama de *O Uruguai*, mas o núcleo da sua interpretação permanece quase inalterado. Boa parte da crítica contemporânea o tem como precursor de uma literatura mais original e brasileira, e como um poema épico de pequena extensão, o primeiro e um dos poucos produzidos por autor brasileiro. Por isto, é comparado a *Os Lusíadas*, cuja superioridade é todavia reconhecida, mas cujo modelo o árcade brasileiro teria posto de parte na busca dum caminho pessoal e mais de acordo com o poética do seu tempo. Nessa originalidade estrutural e nos motivos americanistas radicam os seus maiores trunfos.

Demonstrado que José Basílio da Gama é tido como o *Camões brasileiro* por parcela significativa dos receptores de *O Uruguai*, interessaria provar a validade desse juízo. A validação do epíteto exige em primeiro lugar reconhecer que o poema basiliano é uma epopéia, o que nem sempre ocorre. Entretanto, não há dúvida de que ele é uma epopéia clássica de pequenas dimensões, pois exhibe as principais marcas estruturais desse subgênero.

A sua abertura foge um pouco ao modelo habitual, pois a Proposição não surge de imediato, mas após o quadro terrível de uma batalha recém-acabada e de mistura com uma discreta Invocação das Musas, a que se

segue uma também invulgar Dedicatória, dado que o poeta a transforma, com a modéstia convencional, em oferta dum escrito futuro. Mais de acordo com as regras, a Narração começa *in medias res*, isto é, com o prosseguimento da demarcação das fronteiras meridionais do Brasil, definidas no Tratado de Madri. Apresentado na Proposição, o herói do poema é Andrade, comandante do exército português, cuja ação é vitoriosa e glorificada. O narrador principal, onisciente e exterior à ação, entrega o relato dos acontecimentos anteriores ao herói. Na forma de um *flash-back*, tais acontecimentos reportam-se à primeira fase da campanha, na qual o exército português teve de enfrentar a hostilidade dos ameríndios, a desistência dos aliados espanhóis e a imbatível força da natureza americana que, concretizada em destruidora enchente dum rio da região, impôs a sua retirada.

Na história central — a do alargamento das fronteiras do Brasil, com a tomada de posse dos Sete Povos Missionários da margem esquerda do rio Uruguai e a da luta para sujeitar os seus rebelados habitantes — engastam-se episódios complementares: o do assassinato de Cacambo pelo Padre Balda; o da festa de casamento de Lindóia; o do seu suicídio; o das visões, propiciadas por Tanajura, do terremoto e da reconstrução de Lisboa, bem como do castigo dos jesuítas, banidos das Missões, de Portugal e doutros países europeus; o dos quadros do templo missionário, onde estavam pintadas ações malélicas da Companhia de Jesus, em diversas partes do globo. Os dois últimos episódios constituem expansões no espaço e no tempo da matéria épica do poema, o que é de praxe na epopéia de matriz greco-latina.

Sendo *O Uruguai* uma criação épica de tipo guerreiro inclui naturalmente tópicos característicos dessa espécie de textos, cuja origem remonta à *Ilíada*, com algumas contribuições das épicas alexandrina e latina, em especial da *Eneida* e da *Farsália*. Basílio da Gama serviu-se de muitos desses temas guerreiros, cuja catalogação e organização foi feita por Pierre-Jean Miniconi.<sup>10</sup> Dos conjuntos *antes do combate* e *após o combate*, aproveitou entre outros os temas da *exortação à luta*, do *catálogo dos guerreiros*, do *campo de batalha*, dos *prisioneiros*. Do grande conjunto de temas do *combate*, maior é o número dos reelaborados em *O Uruguai*, como exemplos temos os da *incursão noturna*, do *combate singular*, da *emboscada*, da *retirada*, da *tomada de cidade*, das *armas particulares*, da *chuva de setas*, da *prece antes de golpear*, do *som da trombeta*, dos *gritos do combate*, da *fúria guerreira*, do *medo*, do *sangue derramado*, dos *cadáveres amontoados*.

*O Uruguai* não se identifica com *Os Lusíadas* unicamente por ser uma epopéia de formas clássicas. Assemelha-se ao poema camoniano também no plano semântico, uma vez que ambos estão construídos com matéria histórica e não mítica ou fabulosa, como a da *Ilíada*, da *Eneida*, do *Orlando Furioso* e de tantas outras criações das literaturas antigas e modernas. Nos

dois poemas, o assunto do relato principal foi extraído da história da terra de nascimento dos autores. Em ambos, a escolha recaiu em acontecimentos não muito distanciados da época em que eles os recriam em seus cantos épicos. O distanciamento histórico é todavia menor em *O Uruguai*: mais de 70 anos separam a publicação de *Os Lusíadas* da viagem de Vasco da Gama e menos de 20 o escrito basiliano dos conflitos gerados pelo Tratado de Madri. Bastaria isso para impedir o nosso poeta não só de idealizar e ficcionalizar em demasia, mas ainda de empregar o estilo grandiloquo e o som alto e sublimado do vate português. Além disto, o assunto de *O Uruguai* exigia descrição, pois, como já foi aflorado, Pombal era um dos principais opositores do convênio glorificado no poema.

Contribuíram igualmente para a diferenciação dos dois épicos a contenção imposta a Basílio da Gama pela poética da época e o conseqüente desprestígio do modelo camoniano. Entre outros desvalorizaram *Os Lusíadas* Luís Antônio Vernei e Inácio Garcês Ferreira, que, em nome da razão, da verossimilhança e da naturalidade, reprovaram o que consideravam excessivo na epopéia lusíada. É sabido que o século XVIII condenava os abusos de imaginação ou forma da literatura de períodos anteriores e que, preservando a noção de mimese, pendeu às vezes para um naturalismo estrito, avesso ao maravilhoso e ao sobrenatural. A busca do natural levou também ao interesse pelo pitoresco dos costumes e paisagens, bem como à criação de novos ideais de vida social e de tipo humano. Sobrevalorizando outrossim a utilidade da literatura, o pensamento estético setecentista passou a secundarizar o prazer e beleza propiciados pelas obras literárias e a exigir dos escritores, em primeiro lugar, ensinamento orientador da vida social e espiritual. Assente em tais postulados, *O Uruguai* tinha necessariamente de se diferenciar de *Os Lusíadas*, embora os aproximassem os inúmeros traços semânticos e estruturais já referidos. Entretanto, o que mais assemelha o poema basiliano ao de Camões é que ele também pode ser considerado a primeira epopéia da literatura a que verdadeiramente pertence: a Literatura Brasileira.

O fato de *O Uruguai* estar voltado para a exaltação da pátria ou de aspectos essenciais da sua formação, além de o igualar à epopéia lusíada, permite atribuir a seu criador a qualificação de *brasileiro*, segundo termo do cognome que recebeu e cuja pertinência se está examinando. No entanto, a brasilidade da obra tem sido negada pelos que não a podem conciliar com a simpatia que manifesta pelo Marquês de Pombal. Isto decorre de não terem notado que o elogio desse governante é secundarizado face à celebração do Tratado de Madri e que isto implica já uma visão de mundo peculiar ao colono brasileiro. A própria simpatia por Sebastião José poderia advir em boa parte da sua benéfica política para o Brasil, o que teria de ser

agradável a um poeta cuja bibliografia evidencia perfeitamente o vínculo afetivo que o ligava à terra natal.

Como muitos dos seus conterrâneos, Basílio da Gama estaria habituado à ausência de liberdade e não se sentiria massacrado pelo despotismo de Pombal, valorizando, ao contrário, o bom acolhimento que, sob a forma de proteção ou emprego, ele dava aos naturais da colônia brasileira, bem como a especial atenção que, desde a primeira hora, dedicou ao seu desenvolvimento, contando-se entre as suas medidas mais relevantes: a defesa do território e a preservação das áreas efetivamente ocupadas; a promoção da sua unidade; o esforço para tornar mais eficiente a sua administração; a moralização do sistema de cobrança dos quintos do ouro; a desburocratização dos trâmites alfandegários; a proibição do transporte de escravos para fora do Império português, o que aumentou o seu afluxo para o Brasil e incrementou a economia da região; a criação das Companhias de Comércio do Grão-Pará e de Pernambuco; o fomento da emigração; a proclamação da independência dos índios; a unificação lingüística obtida com a proibição da língua geral; a secularização do ensino.

Prova de que o apreço de Basílio da Gama pelo Ministro de D. José se prende ao seu contributo para o progresso do Brasil é o fato de o herói de *O Uruguai* ser o General Gomes Freire de Andrade, tido como principal representante da administração pombalina no território brasileiro. O próprio general, quando fala aos embaixadores índios, no canto II, exalta a política de Pombal para o Brasil, justificando a luta contra as Missões como um ato benéfico para os nativos. Neste sentido, contrapõe a barbárie primitiva em que primeiro viviam e a opressão em que os tinham os jesuítas ao Estado civilizado no qual pretende integrá-los e onde não há miséria nem escravidão, onde o bem privado cede ao bem público e o rei zela paternalmente por todos os seus súditos. Espelhando as qualidades do governante a que obedecia, Andrade caracteriza-se pela dedicação total aos interesses do Estado, pela ação imediata, eficaz e perseverante, pela magnanimidade para com subordinados ou adversários, pela rejeição da violência, só admitida quando esgotados todos os meios cordiais e mesmo assim apenas para defender direitos legítimos usurpados. Herói pombalino, ele encarna simultaneamente valores fundamentais do ideário iluminista do nosso poeta, tais como o racionalismo, o humanismo, a moral laica, a preocupação social, a filantropia, a beneficência, a crença no progresso, o otimismo jurídico, o repúdio à guerra. Pela sua ação e seus atributos ele representa, em certa medida, uma figuração do ideal humano setecentista, perfeitamente diferenciado do antigo herói. Daí que se lhe ajuste muito bem o epíteto *ilustre* com que é algumas vezes qualificado, cuja etimologia se prende à noção de luz, de iluminado.

Diversos críticos assinalam, porém, como traço mais marcante da ideologia pombalina de *O Uruguai* o ataque que faz à Companhia de Jesus. Todavia este aspecto da obra poderá ter também motivação relacionada especificamente com a presença daquela Ordem no Brasil, onde ela ocupava posição de grande relevo e desfrutava de enorme riqueza, mas onde também desde cedo entrou em choque com os colonos devido à sua luta contra a escravização dos índios e aos seus privilégios econômicos, de que é exemplo a isenção de impostos alfandegários. Neste contexto, é significativo que Basílio da Gama tenha oferecido *O Uruguai* a Francisco Xavier de Mendonça Furtado, que se destacou no combate aos jesuítas quando ocupava o posto de Capitão General do Grão Pará e do Maranhão, tendo enviado às autoridades de Lisboa relatórios onde denunciava os graves prejuízos causados pela Companhia de Jesus ao Reino e aos colonos. Chamando herói a Mendonça Furtado, o nosso poeta saúda entusiasticamente a sua ação para libertar o Maranhão da tirania jesuítica. Revela outrossim a sua concordância com os relatórios que ele escreveu ao atribuir às personagens jesuíticas de *O Uruguai* os defeitos mais graves que neles são imputados à Companhia de Jesus: a criação de verdadeiras repúblicas isoladas, o monopólio das riquezas locais, a atuação despótica e os maus tratos infligidos aos nativos.

Apesar de não ser possível falar-se de uma “opinião pública” no Brasil colonial, é lícito pensar que a generalidade dos colonos se sentiu beneficiada com a expulsão dos inácianos, nela vendo sobretudo vantagens de natureza econômica. Como apontou Dauril Alden,<sup>11</sup> não deixa de ser significativo o fato de a notícia do seu banimento não ter provocado movimentos de protesto como os que ocorreram, por exemplo, na Nova Espanha. E não será descabido concluir que dessa corrente de opinião participava Basílio da Gama, cuja obra condena tão vivamente o império econômico por ela constituído na região missioneira sul-americana.

A recepção basíliana tem divergido na definição da(s) componente(s) brasileira(s) de *O Uruguai*. Para alguns críticos a sua brasilidade decorre da introdução do ameríndio como personagem e/ou da descrição da natureza americana; para outros está relacionada com a utilização de assunto brasileiro. É todavia de considerar que ela não resulta da simples presença desses elementos, pois eles surgem, antes, no mesmo período e posteriormente, em textos que não se pensaria definir como brasileiros. Com efeito, não é admissível classificar como obras brasileiras a *Carta*, de Pero Vaz de Caminha ou o conto “Les Machakalis”, de Ferdinand Denis; no entanto ambos apresentam assunto, paisagem e personagens brasileiros. Em nosso entender, uma obra brasileira deve expressar aquilo que Machado de Assis designou por “sentimento íntimo” que faz de um escritor “homem



de seu tempo e do seu país” e que a moderna Teoria da Literatura conceptualiza na noção de “visão de mundo” ou de ideologia inscrita na obra. Neste caso, cabe observar que o tratamento dado por Basílio da Gama ao nativo e ao espaço americanos contribui para a brasilidade de *O Uruguai*, pois ele tem origem na dinâmica da vida social da Colônia que, fazendo preponderar uma ótica idealizadora, não podia fugir de todo ao realismo.

A descrição objetiva foi imposta pela necessidade de conhecimento do universo americano e de transmissão desse saber; a idealização resultou do processo de acomodação do europeu ao seu novo espaço vivencial e de inserção do nativo na sociedade colonial. Essa inserção, decorrente da incapacidade que o colono manifestou para sobreviver isolado no Novo Mundo, concretizou-se numa legislação que pôs o ameríndio em igualdade com ele<sup>12</sup> — igualdade formal que não impedia a sua efetiva exploração e a sua real situação de inferioridade — e que se traduziu literariamente na sua figuração idealizada e, em geral, expressa através de formas da utopia europeia do bom selvagem. Por sua vez, o enfrentamento do colonizador com um espaço que era preciso ocupar e domesticar transfigurou-se numa literatura de exaltação da grandiosidade e riqueza da terra americana. Assim, *O Uruguai* deu continuidade a manifestações anteriores de um ufanismo valorizador da terra e das gentes americanas.

A idealização do índio, inspirada na noção jurídica da sua igualdade, processa-se através de uma caracterização que lhe atribui psicologia, valores e costumes semelhantes aos do homem branco, mas que lhe oculta o físico para não ter de o diferenciar. Há, no entanto, na obra elementos que contradizem a idéia da sua integração harmoniosa e deixam transparecer a sua sujeição pela violência e a sua situação de dominado. O lado trágico da destruição do universo americano é sugerido através da morte das principais personagens índias do poema (Cepé, Cacambo e Lindóia) e a rejeição da colonização portuguesa é posta em relevo no discurso em que Cacambo contesta o direito dos europeus à terra americana, ao mesmo tempo que defende a legitimidade da sua posse pelos seus primeiros habitantes. Mas a fala do cacique, sendo contrária ao pensamento corrente entre os colonizadores de estarem, como os heróis camonianos, “dilatando a Fé e o Império,” só pôde integrar-se em *O Uruguai* — discurso poético de um colono branco — na condição de dominada, isto é, de expressão do vencido.

A valorização do espaço americano, implícita no próprio título da épica basiliense, concretiza-se no poema, através da transfiguração engrandecedora dos elementos que compõem o espaço da região: os campos e os rios. O melhor exemplo desse recurso está na descrição de uma enchente que, ultrapassando a condição de fenômeno natural típico dos rios americanos, surge como um agente quase sobrenatural, cuja força é mais poderosa que

a do exército de Andrade, por ela obrigado à paralização e à retirada. Igualmente agigantados na sua imensidão selvagem e quase indevassável, os campos são enaltecidos também como espaço trabalhado pelo nativo, que neles tem sua agricultura, sua pecuária, sua indústria e seus povoados. Por recriar poeticamente o processo de civilização em curso e louvar o desenvolvimento da Colônia brasileira, *O Uruguai* realiza a passagem de um nativismo que cultuava a natureza bruta, característico das obras de seus antecessores, para um “nacionalismo” que celebra a conquista da terra, entendida como espaço de desenvolvimento da Nação.

Retomando a idéia de que os brasileiros foram progressivamente assumindo formas de pensar e sentir peculiares, é de notar que, na relação com a terra natal, sua ideologia /visão de mundo evoluiu do simples afeto ao desejo de emancipação política, passando antes pelo anseio de a ver colocada em posição equivalente à da Metrópole e/ou pela defesa dos seus interesses. Na altura da composição da épica basiliense, eles ainda não haviam demonstrado, quer em ações concretas, quer em textos literários, vontade de romper com Portugal. Em consonância com o momento histórico, *O Uruguai* não poderia exprimir um desejo de independência ainda não manifesto na sociedade brasileira, mas podia dar voz a seus anseios particulares, o que faz glorificando a tentativa de execução do Tratado de Limites de 1750, no Sul do Brasil.

É sabido que esse tratado, concebido pelo paulista Alexandre de Gusmão, visava entre outros fins à legalização da expansão territorial do Brasil, que os bandeirantes já haviam concretizado ao ultrapassarem de muito os limites fixados no Tratado de Tordesilhas. Mas ele não favorecia o comércio de Portugal, que tinha de entregar aos espanhóis a rica Colônia do Sacramento. Por isso, o Marquês de Pombal, cuja ação objetivava acima de tudo a defesa da Metrópole, havia conseguido a sua anulação. Com isto agravaram-se os conflitos na região e Portugal foi obrigado a desistir da Colônia do Sacramento, por impossibilidade absoluta de manter a luta pela sua posse. O contrário sucedeu ao projeto de Gusmão, pois os brasileiros continuaram, por mais de um século, a lutar pela anexação do território missionário do Uruguai, que lhes foi finalmente atribuído pelo Tratado do Rio de Janeiro, assinado a 4 de Outubro de 1898.

Fazendo tábua rasa da revogação do Tratado de Madri, Basílio da Gama narra com épico entusiasmo a demarcação das novas fronteiras meridionais do Brasil, dentro das quais passavam a ficar os Sete Povos Jesuíticos da margem esquerda do rio Uruguai, e a sujeição dos indígenas que tentaram impedir essa operação. Ao recriar tais acontecimentos, o poeta assume ponto de vista contrário ao do Marquês de Pombal e se coloca ao lado de Alexandre de Gusmão, que, com os olhos postos na terra natal, apoiou os

*E busca o sucessor, que te encaminhe  
Ao teu lugar, que ha muito que te espera. (V, 14-50)*

Neste caso, a confiança que ele demonstra na leitura futura de *O Uruguai* ficaria a dever-se menos ao orgulho, real ou convencional, dos seus dotes poéticos que à intuição de que a sua obra poderia estimular aquela luta, pois era inspirada pelo mesmo desejo.

Por conseguinte, a brasilidade da obra principal de José Basílio da Gama consistiria, sobretudo, na formulação poética que deu à ideologia dos homens que criaram a nação brasileira, nela se instalando como classe política, econômica e culturalmente dominante. Esses homens levaram consigo os modelos literários do seu lugar de origem e os utilizaram para impor técnicas e valores que eram só seus. Nessa ótica, *O Uruguai* pode ser lido como a epopéia do colono brasileiro para conquistar o território pátrio e nele inserir as populações autóctones. O enaltecimento da empresa colonial e a heroicização do colonizador estão amoldadas às concepções iluministas do nosso poeta, apresentando-se, portanto, como um projeto civilizador e libertador. Este ponto de vista estrutura a ação e o discurso de Andrade, que anuncia aos caciques Cepé e Cacambo o seu objetivo de integrar os povos por eles representados numa sociedade de homens livres e civilizados e por isto bem melhor do que o regime de opressão e de superstição em que os mantêm os padres.

Esta interpretação permite aproximar *O Uruguai* da *Eneida*, que relata a criação do futuro Império Romano por estrangeiros acasalados com alguns povos da Península Itálica, da mesma forma que possibilita a identificação do seu herói com Enéias, uma vez que ambos seriam fundadores de novas nacionalidades. Conseqüentemente, Andrade não surge no texto apenas como representante de Pombal ou do soberano português. Surge também como hipóstase do colono branco que tomou posse da terra e se associou ao primitivo habitante da região. Em apoio desse parecer, refira-se que, na História do Brasil, Gomes Freire de Andrade é considerado um herói da unidade nacional, tendo por isso recebido o epíteto de “Pai da Pátria”.

É preciso ainda acrescentar que Basílio da Gama tinha consciência da brasilidade de *O Uruguai* e que o demonstra em duas passagens da maior importância na arquitetura do poema. No epílogo acima transcrito, a natureza brasileira da obra é sugerida na cena da sua admissão na Arcádia Romana, transportando “bárbaras flores” oriundas de “estranho céu.” Tais flores representam, em linguagem figurada, as características brasileiras que o poeta atribui à sua criação. Nos versos finais do canto IV, ele é ainda mais explícito na afirmação da brasilidade da sua obra, pois se dirige ao

“Gênio da inculta América” declarando-se inspirado por ele e prometendo em paga torná-lo conhecido através do seu canto.

No entanto, a brasilidade de *O Uruguai* não poderia assentar na diferença absoluta em relação às criações literárias da Europa, pois a literatura brasileira é herdeira das literaturas européias e não integra qualquer forma ameríndia ou africana, assim como os filhos de colonos que a produziram, sobretudo, nos primeiros tempos, são herdeiros do universo cultural do seu pai português. Conseqüentemente, Basílio da Gama utilizou as formas características da épica greco-latina transmitidas às literaturas da Europa moderna para expressar “conteúdos brasílicos” que subentendem formas de pensar e sentir específicas do colono brasileiro do século XVIII, as quais o diferenciam já dos homens da Metrópole.

Para concluir pode-se reiterar que, assim como *Os Lusíadas* são a epopéia da formação da nacionalidade portuguesa, *O Uruguai* é a épica da criação da pátria brasileira, embora ainda sem um sentido autonômico. Visualizando com bastante realismo essa pátria como um produto da conquista do espaço americano, da sujeição do indígena e do aniquilamento do projeto jesuítico de comunidade teocêntrica, José Basílio da Gama deixa transparecer na obra a ambiguidade essencial da cultura brasileira, porque dá estatuto de herói ao conquistador e ao conquistado e, com isso, mascara o genocídio e a dominação infligidos ao autóctone na construção do Brasil. Ao mesmo tempo que procura valorizar o universo americano, não pode deixar de justificar a empresa colonial como uma obra civilizadora, pois é antes de tudo um descendente do Conquistador. E, o que é mais interessante, um descendente de Vasco da Gama, cujo sobrenome fez questão de adotar.

## Notas

<sup>1</sup> *O Uruguai*. Lisboa, Regia Officina Typografica, 1769

<sup>2</sup> Coutinho, João Pereira Ramos de Azevedo, Francisco Xavier de Sant’ Anna e Pedro Viegas de Novaes, *Parecer para a publicação de O Uruguai*. Lisboa, Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Ms. Censura 1769, n. 107.

<sup>3</sup> “Os últimos adeus às Musas” [ode] in *Obras Completas*. 2ª ed. vol. 1. Paris, A. Bobée, 1817, p. 409-22.

<sup>4</sup> “Que alegre era o Entrudo em outros tempos” [sátira] in Ms. 8630 da Biblioteca Nacional de Lisboa.

- <sup>5</sup> “Amo o grego cantor, gosto de ouvil-o” in *Collecção de Obras Poeticas dos Melhores Autores*. tomo 1. Porto, Of. Antonio Alvarez Ribeiro, 1789, p. 23.
- <sup>6</sup> *Bosquejo da Historia da Poesia e Lingua Portugueza. Outros Escritos. Impressões e Viagens*. Lisboa, Empresa da História de Portugal, 1904, p. 1-46.
- <sup>7</sup> *Résumé de l’Histoire Littéraire du Portugal suivie du Résumé de l’Histoire Littéraire du Brésil*. Paris, Lecointe et Durey, 1826.
- <sup>8</sup> “Uma introducção historica e biografica sobre a literatura brasileira.” *Parnaso Brasileiro* [...] vol. 1. Rio de Janeiro, Laemmert, 1843, p. 7-45.
- <sup>9</sup> *Ensaio Biographicos*. Rio de Janeiro, Typ. de F. A. de Almeida, 1861.
- <sup>10</sup> *Étude des Thèmes Guerriers de la Poésie Épique Greco-Latine, suivie d’ un Index*. Paris, PUF, s/d.
- <sup>11</sup> “Aspectos econômicos da expulsão dos jesuítas do Brasil” in AA. VV. *Conflito e Continuidade na Sociedade Brasileira*. Rio, Civilização Brasileira, 1970, p. 31-84.
- <sup>12</sup> Cf. sobretudo a legislação do período pombalino: o Alvará de 4 de abril de 1755, que favorece os casamentos mestiços e proíbe a sua discriminação (inclusive que se chamem caboclos aos descendentes de índios), e as Leis de 6 de junho e 17 de agosto de 1758, em favor da liberdade dos indígenas.
- <sup>13</sup> Cf. C. Mortati in *Enciclopédia Einaudi*. vol. 14. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1989.